

*MARY BALOGH*

*UM VERÃO INESQUECÍVEL*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MARGARIDA LUZIA*

ASA

Os jardins de Hyde Park, em Londres, exibiam todo o esplendor de uma manhã de maio. Os raios de sol atravessavam o límpido céu azul fazendo cintilar uma infinidade de gotas de orvalho que conferiam a árvores e relva uma aparência fresca, acabada de lavar. Era o cenário perfeito para a habitual passeata pela elegante Rotten Row, com os cavaleiros a galopar brandamente na ampla faixa de relva existente entre Hyde Park Corner e Queen's Gate e os peões a caminhar a seu lado no percurso pedonal, separados dos equestres por um robusto resguardo.

Tudo parecia perfeito, exceto num pormenor dissonante. No centro de um relvado aberto, bem visível de Rotten Row, alguma espécie de tumulto estava a atrair rapidamente uma multidão de curiosos. Depressa se tornou evidente que se tratava de uma luta. Não era um duelo – havia quatro participantes em vez de dois e a manhã já ia demasiado avançada – e sim uma indecorosa cena de pugilato.

Vários cavalheiros, e também algumas damas, aproximaram-se com as suas montadas para ver o que se passava. Muitos dos cavalheiros deixaram-se ficar para apreciar o progresso da luta, sentindo o interesse da manhã consideravelmente espicaçado. Outros, que desafortunadamente se encontravam a escoltar damas, viram-se

obrigados a prosseguir apressadamente, pois tal não era de forma alguma uma cena adequada a olhos femininos. Alguns peões aproximaram-se também por um caminho próximo, estugando rapidamente o passo ou parando para observar, conforme o gênero a que pertenciam.

– Escandaloso! – declarou uma ativa voz masculina por cima do bulício da multidão reunida em torno do quadrado vazio onde a zaragata prosseguia a toda a brida. – Alguém devia chamar a polícia. A escumalha não devia ter acesso ao parque, para poder ofender assim a sensibilidade das pessoas decentes.

Apesar de as roupas andrajosas e aparência suja e descuidada de três dos participantes na luta os denunciarem indubitavelmente como membros das classes mais baixas, a elegante, ainda que escassa, indumentária e postura geral do quarto elemento contavam uma história muito diferente.

– É Ravensberg, vossa senhoria – explicou o ilustre Mr. Charles Rush ao ultrajado marquês de Burleigh.

Aparentemente, o nome era elucidativo. O marquês levou um monóculo ao olho e, da sua vantajosa posição a cavalo, espreitou por cima das cabeças dos peões para o visconde Ravensberg, que estava em tronco nu e, nesse exato instante da contenda, em muito maus lençóis. Tinha um atacante a prender-lhe cada braço enquanto o terceiro lhe socava o estômago com enorme entusiasmo.

– Escandaloso! – exclamou de novo o marquês, enquanto os cavalheiros em redor aplaudiam ou apupavam, havendo inclusive dois ou três a fazerem apostas sobre o resultado de uma disputa aparentemente tão desequilibrada. – Nunca pensei viver para ver alguém, nem mesmo o Ravensberg, descer tão baixo ao ponto de lutar com escumalha.

– Que vergonha! – gritou outra pessoa quando o gigante ruivo responsável pela sova mudou a direção do seu ataque, enterrando o punho no indefeso olho direito da vítima e impelindo-lhe o pescoço para trás ao fazê-lo. – Três contra um está longe de ser justo.

– Mas ele recusou a nossa ajuda – protestou Lord Arthur Kellard com alguma indignação. – Foi ele quem fez o desafio e insistiu que três contra um lhe servia perfeitamente.

– O Ravensberg *desafiou* a escumalha? – inquiriu o marquês com considerável desdém.

– Eles ousaram ser insolentes após ele os admoestar por abordarem uma leiteira – explicou Mr. Rush. – Mas ele recusou-se a puni-los com o chicote, como todos nós sugerimos. E insistiu... *oh, com a breca!*

Tal exclamação foi ocasionada pela resposta de Lord Ravensberg ao murro no olho: soltou uma gargalhada, um ruído incongruente satisfeito, e de repente acometeu com mestria com uma esguia perna, acertando com a biqueira da bota sob o queixo do incauto atacante. Ouviu-se um estridente estalar de ossos e ranger de dentes. No mesmo instante, aproveitou o espanto dos dois homens que lhe seguravam os braços e libertou-se deles. Deu depois meia-volta, enfrentando-os numa postura semicurvada, de braços esticados e dedos num gesto convidativo. E estava a sorrir.

– Venham, seus canalhas – instigou profanamente. – Ou será que as probabilidades vos parecem subitamente adversas?

O oponente cujo maxilar acabara de ser fraturado talvez pudesse concordar. Mas apesar de ter os olhos abertos, parecia mais apostado em contar estrelas rodopiando no céu matinal do que em calcular probabilidades.

Elevou-se então um coro de apreciação da crescente turba de espectadores.

Sem a camisa, o visconde Ravensberg parecia ter mais vantagem do que quando a tinha vestida. Sendo um cavalheiro de estatura mediana e figura elegante, parecera sem dúvida presa fácil aos olhos dos três rufiões que, minutos antes, o tinham desafiado com um coletivo esgar de desdenhoso desprezo. Mas as esguias pernas, envolvidas em calças de montar castanho-amareladas e botas de cano alto, tinham-se revelado impressionantemente bem musculadas após descer do cavalo. E o peito, ombros e braços nus eram os de um

homem que exercitara e levava o corpo ao máximo do seu potencial. Ao contrário das suas roupas, as costuras brancas de inúmeras cicatrizes – nos antebraços e peito, e ao longo da parte inferior esquerda do queixo – proclamavam o facto de em tempos ter sido um militar.

– Que linguagem atroz para usar num lugar público – comentou desdenhosamente o marquês. – E que imprópria exibição de carne. E tudo por causa de uma *leiteira*, dizeis vós? O Ravensberg envergonha o nome da família. Tenho pena do seu pai.

Mas ninguém, nem sequer Mr. Rush, a quem se dirigiam os comentários, lhe estava a prestar grande atenção. Dois dos rufiões que tinham pensado divertir-se roubando indesejados beijos a uma leiteira que seguia desacompanhada pelo parque investiam alternadamente contra o visconde, que ria e os repelia com golpes secos dos punhos sempre que os homens se aproximavam. Quem o conhecia sabia bem que, quase todos os dias, passava várias horas no Jackson's, um ginásio de boxe, treinando com parceiros muito superiores em peso e altura.

– Mais cedo ou mais tarde – comentou ele em jeito de conversa – conseguirão juntar as vossas metades de cérebro e fazer um só e perceberão que teriam melhores hipóteses contra a minha pessoa se atacassem simultaneamente.

– Isto *não* é cena para os olhos das damas – afirmou o marquês em tom severo. – A duquesa de Portfrey vai a passar com a sobrinha.

Apesar de um cavalheiro se ter afastado apressadamente – e talvez relutantemente – da multidão ao ouvir mencionar o nome da duquesa, a reprovadora voz de sua senhoria foi amplamente abafada por uma exclamação de entusiasmo quando os dois atacantes acataram o conselho do opositor e acometeram um atrás do outro, vendo o seu progresso interrompido quando este esticou os braços e lhes chocou as cabeças uma contra a outra. Os homens caíram por terra como se as suas quatro pernas fossem feitas de gelatina e aí permaneceram.

– Bravo, Ravensberg! – exclamou alguém por cima do coro de assobios e vivas.

– Que diacho, ele partiu-me o maxilar – queixou-se o terceiro homem, segurando a cara com ambas as mãos e virando-se sobre a relva para cuspir sangue e pelo menos um dente para o chão. Deixara já de contar estrelas, mas não parecia estar prestes a retomar o combate.

O visconde estava de novo a rir e limpava as palmas nas pernas das calças.

– Caramba! Foi demasiado fácil – exclamou. – Esperava melhor réplica de três representantes da fina flor operária londrina. Quase não justificavam ter desmontado do cavalo. E não mereceram de todo que me despisse. Se tivessem estado no meu regimento na Península, Céus, tê-los-ia colocado na linha da frente para escudar com os seus corpos os homens mais valiosos.

Mas a manhã tinha ainda outro episódio interessante para oferecer – tanto para o vencedor do combate como para a exultante multidão de espectadores. A leiteira que fora a involuntária causa do tumulto apareceu a correr pela relva em direção ao visconde – a turba apartou-se obsequiosamente para a deixar passar – e jogou-lhe os braços ao pescoço, comprimindo o seu corpo contra o dele.

– Oh, muito obrigada, *obrigada*, excelência – bradou fervorosamente –, por salvar a virtude de uma rapariga. Sou uma boa rapariga, sou mesmo, e eles queriam roubar-me um beijo, ou talvez pior, se não tivesse aparecido para me salvar. Mas a *si* beijo, beijo pois. Como se fosse uma recompensa, já que a mereceu.

A serviçal era rechonchudita e voluptuosa e toscamente atraente, e arrancou estridentes assobios bem como apreciativos e debochados comentários por parte dos espectadores. O visconde Ravensberg sorriu-lhe antes de inclinar a cabeça para aproveitar a oferta com demorada meticulosidade. Lançou-lhe depois meia libra de ouro e uma piscadela de olho com a vista intacta e assegurou-lhe que ela era de facto boa rapariga.

Os assobios repetiram-se enquanto ela se afastava sem qualquer pressa, toda ela covinhas e atrevidos meneios de ancas.

– Escandaloso! – repetiu de novo o marquês. – E em pleno dia! Mas mais não se pode esperar do Ravensberg!

O visconde ouviu-o e virou-se para o cumprimentar com uma irónica vénia.

– Saiba vossa senhoria que presto um serviço público – explicou. – Forneço temas para conversas de salão relativamente mais animados do que a meteorologia e o estado de saúde da nação.

– Creio – afirmou Mr. Rush com uma gargalhada enquanto o marquês se afastava, com as costas absurdamente hirtas e quase estremeendo de reprovação – que és meramente sussurrado pelos mais distintos, Ravensberg. O melhor é irmos para o White’s e pôr um bife nesse olho. Aquele patife fez-te uma negra dos diabos.

– Dói como o raio – admitiu alegremente o visconde. – Por Deus! A vida devia ser sempre assim estimulante. A minha camisa, por favor, Farrington.

E olhou em volta após tirar a peça de roupa da mão de Lord Farrington, a quem, no início da luta, confiara as suas vestes. A multidão estava a dispersar. Soergueu então os sobrolhos.

– Parece que assustei todas as damas, não é verdade? – E semi-cerrou os olhos na direção de Rotten Row, como se procurasse alguma em particular.

– A arena é terrivelmente pública, Ravensberg – disse Lord Farrington, rindo com ele. – E *estavas* em tronco nu.

– Ah! – exclamou descontraidamente o visconde, tomando o casaco das mãos do amigo e vestindo-o. – Sabes como é, tenho de fazer jus à minha reputação de desregrado, embora me pareça já ter cumprido por hoje o meu dever. – E franziu subitamente a testa. – O que acham que devemos fazer com esses dois corpos dormentes?

– Deixá-los a curar a ressaca? – sugeriu Lord Arthur. – Estou atrasado para o pequeno-almoço, Ravensberg, e esse olho precisa desgraçadamente de atenção. Só de o ver, já quase perco o apetite.

– Tu, aí. – O visconde ergueu a voz enquanto retirava do bolso outra moeda, que atirou para a relva, para junto do adversário que estava consciente. – Reanima os teus amigos e leva-os para a taberna mais próxima antes que apareça um guarda e vos leve para outro lugar. Uma caneca ou duas de cerveja para cada um deverá pôr-vos finos num instante. E de futuro não se esqueçam: quando as leiteiras dizem não, querem normalmente dizer não. É uma simples evidência linguística. Sim quer dizer sim, e não significa não.

– C’um caneco – balbuciou o homem, continuando a segurar o queixo com uma mão enquanto tapava a moeda com a outra. – Nunca mais *olho* sequer para outra moça, patrão.

O visconde soltou uma gargalhada e içou-se para a sela do seu cavalo, cujas rédeas Mr. Rush estivera a segurar.

– Pequeno-almoço então – afirmou jovialmente. – E um succulento bife para o meu olho. Toma a dianteira, Rush.

Instantes depois, Hyde Park, na zona de Rotten Row, retomava a *elitista* elegância de sempre, tendo todos os sinais da escandalosa escaramuça já desvanecido. Mas era mais um incidente a acrescentar à longa lista de extravagantes indiscrições pelas quais, tristemente, Christopher «Kit» Butler, visconde de Ravensberg se tornara conhecido.

– Nem imagina – dizia a duquesa de Portfrey à sobrinha minutos antes – o enorme prazer que é usufruir da sua companhia, Lauren. O meu casamento está a ser uma felicidade maior do que alguma vez antecipei, e o Lyndon é incrivelmente atencioso, mesmo agora que estou à espera de uma ocorrência interessante. Mas o pobre coitado não pode viver agarrado às minhas saias. Ficámos ambos contentíssimos quando aceitou o nosso convite para ficar connosco até ao fim da minha reclusão.

A ilustre Miss Lauren Edgeworth sorriu.

– Ambas sabemos – afirmou – que a Elizabeth me está a fazer um favor muito superior ao que eu possa estar a fazer-lhe a si. Newbury Abbey tornara-se intolerável para mim.



Já estava em Londres há duas semanas, mas nem ela nem a duquesa tinham aflorado até então a razão subjacente à sua presença. Era absolutamente óbvio que a alegada necessidade de Elizabeth da companhia de Lauren enquanto aguardava o nascimento do seu primeiro filho, dentro de dois meses, fora apenas uma desculpa conveniente.

– A vida continua de facto, Lauren – disse por fim Elizabeth. – Mas não pretendo minimizar a sua dor alargando-me no tema. Seria insensível da minha parte, sobretudo quando nunca passei por nada vagamente comparável ao que sofreu... e quando por fim encontrei a minha própria felicidade. Ainda que o facto lhe possa trazer algum consolo. Já tinha trinta e seis anos quando casei com o Lyndon no outono passado.

O duque de Portfrey era de facto atencioso em relação à esposa, pela qual estava visível e profundamente apaixonado. Lauren sorriu em agradecimento pelas palavras que a pretendiam reconfortar. E assim continuaram a passear por Hyde Park, como tinham feito todas as manhãs desde a chegada de Lauren – exceto nos três dias em que chovera. Apesar dos frequentes vislumbres de peões e cavaleiros, os terrenos amplos e cobertos de ervas que ladeavam o caminho pareciam sedutora e ilusoriamente rurais. Era como se um pedacinho do campo tivesse sido atirado para o meio de uma das maiores e mais movimentadas cidades do mundo e sobrevivido, imune ao comércio.

Estavam a aproximar-se de Rotten Row, percurso esse que levava Lauren a estremecer alarmada da primeira vez que Elizabeth sugerira passear ali, duas semanas antes. Era bem verdade que a congregação matinal não se comparava ao aperto do elegante passeio da tarde pelo parque, mas, mesmo assim, havia demasiada gente para ver e – ainda mais importante – pela qual ser vista. Após o fiasco do ano precedente, acreditara que não voltaria a ter coragem de enfrentar o *beau monde*.

No ano anterior metade da *elite* reunira-se em Newbury Abbey, no Dorsetshire, para celebrar o casamento de Lauren Edgeworth

com Neville Wyatt, conde de Kilbourne. Na véspera, realizara-se um grandioso baile pré-nupcial, durante o qual Lauren achara impossível ser mais feliz – mas quão terrivelmente aziago se revelara tal pensamento! Seguiu-se depois o casamento propriamente dito na igreja da aldeia, que se enchera até às costuras com a *crème de la crème* do *beau monde* – casamento esse que fora interrompido quando Lauren estava prestes a pisar a nave, de braço dado com o avô, pela súbita aparição da esposa que Neville julgara estar morta e cuja existência era absolutamente desconhecida não só de Lauren mas de toda a sua família.

Naquela primavera, Lauren fora para Londres porque já não suportava viver na casa da condessa consorte, na companhia da própria e de Gwendoline, a irmã de Neville, enquanto este e a sua Lily viviam na mansão senhorial, a uns meros três quilómetros de distância. Infelizmente, não houvera grandes hipóteses de fuga. Tinha crescido em Newbury Abbey com Neville e Gwen após a sua mãe ter casado com o irmão do falecido conde e ter partido com ele numa interminável viagem de núpcias da qual nunca tinham regressado. O convite de Elizabeth fora, portanto, recebido com enorme gratidão. Mas depreendera que, visto Elizabeth estar a aumentar, não participariam em qualquer atividade social da temporada. E tinha de facto razão, mas Elizabeth gostava de apanhar ar.

– Oh, Deus – exclamou subitamente a duquesa ao conquistarem uma ligeira elevação do percurso de onde se avistava Rotten Row. – Qual será o motivo da aglomeração? Espero que ninguém tenha adoecido. Nem caído de um cavalo.

Havia de facto um significativo ajuntamento de cavalos e pessoas na relva ao lado do caminho, bem no centro do percurso de ambas para Rotten Row. Lauren constatou que se tratava essencialmente de cavalheiros. Mas se alguém fora de facto ferido, a presença de damas poderia ser bem-vinda. Em situações de emergência, as damas conseguiam ser bastante mais práticas do que os cavalheiros. Ambas estugaram, portanto, o passo.

– Que absurdo – afirmou a duquesa – estar a lembrar-me de que o Lyndon foi cavalgar esta manhã. Acha que...

– De forma alguma – disse Lauren com firmeza. – E não creio sequer que tenha havido qualquer acidente. Estão a *aplaudir*.

– Oh, meu Deus. – A duquesa tocou no braço de Lauren para lhe abrandar de novo o passo, parecendo estar prestes a começar a rir. – Creio que encontrámos uma zaragata, Lauren. Será melhor passarmos como se não tivéssemos visto nada impróprio.

– Uma zaragata? – Os olhos de Lauren abriram-se de espanto. – Num lugar público como este? Em pleno dia? Não pode ser.

Mas Elizabeth estava certíssima. Ao aproximarem-se, Lauren pôde confirmá-lo com os seus próprios olhos antes de os conseguir desviar e estugar decorosamente o passo. Embora a multidão de homens e cavalos fosse bastante densa, por instantes, uma daquelas aberturas inexplicáveis formou-se, permitindo-lhe ver o que acontecia no desimpedido centro do quadrado de relva – e com uma clareza chocante.

Havia três homens estendidos na relva, embora a rapariga tivesse achado que poderia existir um quarto. Dois deles estavam vestidos de forma decente, ainda que pobremente, com roupas operárias. Mas foi sobre o terceiro que o olhar de Lauren recaiu por alarmantes instantes. O indivíduo estava agachado, pronto a agir, parecendo estar a incitar os outros dois com gestos convidativos. Mas não foram as suas ações que a assustaram, e sim o estado da sua roupa – ou melhor, a falta dela. As maleáveis botas altas e as justas calças de montar denunciavam-no como sendo um cavaleiro. Mas o tronco estava absoluta e completamente nu – revelando-se esplêndida e alarmantemente masculino.

Antes de conseguir desviar abruptamente os olhos, corando com manifesto embaraço, Lauren reparou ainda noutros dois pormenores: um visual e o outro mais espectral. O homem era louro e bem-apeσοado e estava a rir. E as palavras que proferia para acompanhar os desafiantes gestos retumbaram-lhe inconfundivelmente nos ouvidos, apesar do bulício das vozes dos inúmeros espectadores.

– Venham, seus canalhas – afirmou ele, aparentemente sem nenhuma vergonha.

Ainda que sentisse o desconfortável calor do enrubescimento que lhe subia pelo pescoço e despontava vividamente nas faces, Lauren desejou com todo o fervor que Elizabeth não tivesse escutado aquelas palavras – nem visto o homem seminu que as proclamara. Raramente sentira semelhante embaraço.

Mas Elizabeth estava a rir, aparentemente com genuína satisfação.

– Pobre Lord Burleigh! – exclamou. – Parece estar prestes a ter uma apoplexia. Não compreendo porque não avança simplesmente e deixa as crianças a brincar. Os homens conseguem ser verdadeiros tolos, Lauren. Até o mais insignificante dos desentendimentos tem de ser resolvido com os punhos.

– Viu, Elizabeth...? – inquiriu Lauren, verdadeiramente escandalizada. – E escudou...?

– E tive porventura alternativa? – respondeu a duquesa ainda a rir.

Mas antes de qualquer das duas poder acrescentar mais alguma coisa, foram distraídas pela presença de um cavalheiro alto e moreno que surgiu diante delas no caminho, curvando-se com apressada elegância e oferecendo-lhes o braço.

– Elizabeth – cumprimentou ele. – Lauren. Bom-dia. E está de facto um belo dia. Parece querer anunciar um calor invulgar para mais tarde. Permitam-me que as acompanhe até Rotten Row, granjeando assim a inveja dos demais cavalheiros.

Joseph Fawcitt, marquês de Attingsborough, era um primo, sobrinho da condessa consorte de Kilbourne. E fora um dos espectadores da luta, como Lauren reparara. Mas, ao vê-las, apressara-se a escoltá-las para longe. Graciosamente, tomou-lhe então o braço. Efetivamente, pensou a rapariga, escutando o eco das suas palavras, o mais provável era não haver quaisquer cavalheiros em Rotten Row. Seguramente que estavam todos amontoados em torno dos homens que lutavam.